

# **Transformando a *capital do carvão em cidade das etnias*: o processo de transformação da identidade urbana de Criciúma/SC no período de seu centenário (1980)**

**Michele Gonçalves Cardoso  
Dorval do Nascimento**

## **RESUMO**

As cidades da região carbonífera de Santa Catarina se formaram a partir de um duplo registro, aquele da imigração que forneceu o núcleo inicial de povoamento e o da indústria de extração de carvão mineral que moldou por longos anos as suas identidades urbanas e conformou uma cidade que podemos chamar de carbonífera. No cruzamento desses dois registros forjaram-se lutas de representações que implicaram num redimensionamento das identidades urbanas das cidades em questão, em especial no pós-guerra. Tomando Criciúma, a cidade pólo da região, como campo de observação e as comemorações do Centenário de colonização italiana da cidade como ponto de partida, serão analisadas os processos de mudança identitária da cidade, observando-se as novas representações que se estabelecem no imaginário urbano, os interesses sociais envolvidos e os meios encontrados para operar a transformação identitária da urbe.

**Palavras-chave:** Cidade. Identidade urbana. Etnicidade.

## **Transforming the *coal capital in ethnic city*: The process of urban identity transformation of Criciúma/SC in its one hundredth anniversary (1980)**

## **ABSTRACT**

The cities of the coal mining region in the state of Santa Catarina were formed from a twofold record, one related to the immigration process, which supplied the initial nucleus settlement, and one related to the coal mining industry, which molded for many years its urban identities and gave shape to what one might call a carboniferous city. In the crossroad of these two registers, battles for representation were forged, which resulted in the reshaping of the urban identities of these cities, especially during the post-war period. Considering Criciúma (the pole city of the region) as our field of observation, and considering the Italian colonization centenary of the city as the starting point, the identity changing processes of the city will be analyzed, focusing on the new representations that were established in the urban imaginary, the correlate social interests and the several ways used to operate the urban identity transformation.

**Keywords:** City. Urban identity. Ethnicity.

---

**Michele Gonçalves Cardoso** é bolsista de Iniciação Científica (PIC 170 UNESC, História).

**Endereço para correspondência:** Rua Imigrante Sônego, 215. Bairro Pinheirinho. CEP: 88805-130. Criciúma/SC. Telefone: (48) 3438 2526/ 9921 2594. E-mail: michelehist@gmail.com ou chellinhagc@yahoo.com.br

**Dorval do Nascimento** é Doutor em História (UFRGS) e professor do curso de História (UNESC). Universidade do Extremo Sul Catarinense. Fone: (48) 3431 2623. E-mail: dna@unesc.net

**Endereço para correspondência:** Avenida Centenário, 3980/301. Centro – Criciúma/SC. CEP 88802-001.

Textura	Canoas	n.16	p.127-141	jul./dez. 2007
---------	--------	------	-----------	----------------

Quando se comemora um centenário de uma cidade, os pensamentos estão voltados ao passado, analisando-se dessa forma o processo que a cidade vivenciou desde seus primeiros habitantes, como os fatos mais marcantes, até chegar-se naquele momento atual em que o passado é recordado no presente, sendo festejado, e almejando novas comemorações no futuro. Assim aconteceu com a cidade de Criciúma que, em 1980, festejou seu Centenário e utilizou a data para modificar a sua identidade urbana.

Criciúma teve como fator impulsionador de seu desenvolvimento urbano a extração de carvão e foi através desta atividade econômica que ela ficou conhecida nacionalmente, recebendo o título de “Capital Brasileira do Carvão”. Podiam ser evidenciadas diversas características na cidade atreladas ao carvão. A atividade carbonífera deixava marcas na cidade e em seus moradores; e dessa forma o imaginário do carvão foi se constituindo e a identidade de Criciúma foi se fixando em torno dessa atividade. No entanto, com o Centenário da cidade, uma outra representação identitária surge, colocando o carvão em segundo plano, centrando-se na importância da etnicidade na formação da cidade e na contribuição dos diversos grupos étnicos que ali se fixaram. A primeira iniciativa étnica pública voltada à valorização da etnicidade na cidade anterior ao Centenário surgiu em 1955, com José Pimentel, que propôs uma homenagem aos grupos étnicos formadores da cidade através de um monumento público<sup>1</sup>.

## A IDENTIDADE ÉTNICA EM CRICIÚMA

Na cidade de Criciúma, a identidade urbana sofreu um processo de alteração que teve nas comemorações do Centenário o seu momento culminante, a partir da valorização de relações de tipo étnico. Porém, na cidade o termo etnia era novo para a população, como se pode perceber nas palavras de Maria Marlene Milaneze Just, quando discorreu sobre a dificuldade de se fazer uma comemoração étnica em Criciúma, pois “numa cidade que ninguém conhecia nem a palavra etnia, eles [a população] não sabiam nem o que era etnia, nós que tivemos que fazer um trabalho nas escolas, nas escolas municipais e nas escolas estaduais com o professor”<sup>2</sup>.

Este relato evidencia que a nova identidade urbana que estava sendo criada para a cidade não partia da iniciativa popular, e sim dos interesses da administração pública municipal, ainda que respondesse a demandas de determinados grupos sociais, àqueles que percebiam na etnicidade uma possibilidade de aumento de seu capital simbólico nas disputas sociais. A população conhecia e se identificava com a representação de cidade do carvão, pois era essa a imagem que os moradores vivenciavam no cotidiano. No entanto, a administração municipal deu enfoque à questão étnica nas comemorações do Centenário e colocou o carvão em segundo plano, sendo este visto como um elemento negativo para a cidade que se pretendia comemorar.

---

<sup>1</sup> PIMENTEL, José. Monumento ao Imigrante. *Tribuna Criciumense*, 01 ago. 1955, p.1-4.

<sup>2</sup> Maria Marlene Milaneze Just, entrevista concedida no dia 23 de mar. 2007. A entrevistada foi Secretária de Educação no município de Criciúma no período das Comemorações do Centenário, tendo participado ativamente como organizadora do evento.

O imaginário do carvão surgiu forte na cidade de Criciúma em meados de 1940, incentivado por uma política nacionalista do governo, uma política de afirmação do elemento nacional. Com a atividade carbonífera, também houve um aumento do número de “estrangeiros” na cidade, pois a atividade atraía muitas pessoas que vinham à procura de emprego. A presença dessas pessoas na cidade fazia emergir ações cotidianas de afirmação de identidades, em especial de grupos de descendentes dos imigrantes, que se agarravam às suas origens como forma de afirmação social. Esses sentimentos foram publicizados nas comemorações do Centenário, ao lado de outros processos culturais, desvalorizando o imaginário do carvão, como pode ser analisado em *folders* da prefeitura que destacavam os malefícios da extração carbonífera: “Praticamente destituída de atrativos naturais – de que são tão pródigas as cidades catarinenses – Criciúma ressentia-se ainda do fato de ter como principal atividade econômica uma ação necessariamente negativa sobre o meio-ambiente”.<sup>3</sup>

A “Capital Brasileira do Carvão” começou a ser vista por um outro aspecto, não tendo mais o fator econômico como principal enfoque na avaliação da cidade, e sim os problemas que a atividade carbonífera apresentava. Ainda no mesmo folder, a cultura da cidade recebeu ênfase já que, mesmo tendo a cidade reconhecimento nacional por sua economia, a população não teria, segundo essa visão, uma identidade cultural formada:

E o próprio exercício da exploração, evidenciada pela significativa contribuição que a cidade passou a dar ao Estado e ao País com o carvão e com azulejos, a cidade ressentia-se também da falta de uma identidade cultural e de um grau de coesão interna mais expressivo. Era como se a cidade, como núcleo natural de convivência e de encontro entre as pessoas, não acreditasse em si mesma e, por isso mesmo, não se assumisse por inteiro.<sup>4</sup>

Dessa maneira, a atividade carbonífera teria levado a cidade ao reconhecimento nacional, porém o carvão não teria consolidado uma identidade ou então, o que era mais plausível, consolidado uma identidade que era recusada. Neste período, a administração do então prefeito Altair Guidi se preocupava em tentar contornar os problemas gerados pela atividade carbonífera realizando diversas intervenções urbanas, como o calçadão da Praça Nereu Ramos, o Paço Municipal e a conclusão da Avenida Centenário, obras que buscavam criar uma cidade diferente, mais arborizada, mais acolhedora, e menos “suja e escura”.

Na história oficial de Criciúma já era relatada a idéia de que alguns grupos étnicos haviam sido responsáveis pela fundação da cidade. Citavam-se três grupos: italianos, alemães e poloneses. Seriam estes os que primeiro investiram na construção de

---

<sup>3</sup> Folder da prefeitura em que a gestão faz uma avaliação sobre a cidade e as melhorias que a prefeitura teria realizado. Administração Altair Guidi. s/d. Arquivo Histórico de Criciúma – caixa 76.

<sup>4</sup> Idem.

Criciúma, e esse fato faz com que os grupos e suas famílias ganhassem destaque neste discurso, pois,

as lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer, a respeito de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à *origem* através do *lugar* de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como o sotaque, são um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e de desfazer os grupos. (BOURDIEU, 2003, p.113)

Assim, a origem étnica se tornou um diferencial que foi utilizado nas relações sociais na cidade, como também nas relações de poder. Este papel que a identidade étnica desempenhou para os que se beneficiaram dela também pode ser analisado de outras maneiras, pois a identidade étnica toma vários aspectos na vida dos atores sociais. Se há alguns anos as pessoas tinham facilidade em se identificar, atualmente a identidade pode ser vista por tantos ângulos que se torna difícil responder quem somos nós hoje. Antes uma das principais formas de identificação era a identidade nacional que se constituía segundo Stuart Hall de cinco pontos: a narrativa da nação; a intemporalidade; a invenção das tradições; o mito fundacional; e o povo puro, um povo que seria original daquele país. (HALL, 2005, p.52-55).

No entanto, atualmente o eixo identitário não está voltado somente às identidades nacionais. A identidade pode ter vários âmbitos e particularidades. Surgiram em meados dos anos 80, novos movimentos que levantam bandeiras identitárias, tendo origem nas minorias que sofriam com os estereótipos negativos gerando preconceito, portanto, sendo excluídas socialmente. Esses movimentos objetivavam “questionar o essencialismo da identidade e sua fixidez como algo ‘natural’, isto é, como uma categoria biológica” (SILVA, 2000, p.37). Dessa maneira, estas pessoas se uniram com as suas mais variadas características e se tornaram grupos sociais. “Os anos de 1980 foram uma década de inventividade frenética. Novas bandeiras foram costuradas e erguidas, novos manifestos elaborados, novos cartazes concebidos e impressos” (BAUMAN, 2005, p.42). Esses movimentos surgiram para suprir uma necessidade já que

a classe não mais oferecia um seguro para reivindicações discrepantes e difusas, o descontentamento social dissolveu-se num número indefinido de ressentimentos de grupos ou categorias, cada qual procurando a sua própria âncora social. Gênero, raça e herança coloniais comuns pareceram ser os mais seguros e promissores. (BAUMAN, 2005. p.42)

Dessa forma, a partir do surgimento destes movimentos contestatórios dos padrões da sociedade, uma única pessoa pode ser identificada com diversas identidades

sociais, já que pode exercer diversos papéis, como o de mulher, o de trabalhadora, de estudante, de militante político entre outras funções reconhecidas socialmente.

A questão da imigração e do reconhecimento social das famílias tradicionais de Criciúma pode ser visto num documento escrito em 1979, que tinha como objetivo fazer uma síntese histórica da cidade, sendo que neste é relatado o processo de imigração das três etnias, contando sua saída da terra natal, relatando também as dificuldades encontradas na viagem, e por último a chegada e a fixação na futura cidade de Criciúma. Aos italianos é atribuída a fundação da cidade “escolheram para acampar e sediar a nova colônia a margem de um riacho. Assim, às margens do Rio Criciúma, límpido e piscoso, funda-se a 6 de janeiro de 1880 o núcleo colonial de Criciúma.”<sup>5</sup> Dez anos depois da chegada destes imigrantes italianos tem início a colonização polonesa:

se o desbravamento e colonização do atual sítio urbano de Criciúma e adjacências couberam ao elemento italiano, deve-se creditar ao imigrante polonês, oriundo de diversas cidades da Polônia, o mérito de ter plantado o primeiro núcleo de colonização na zona leste/nordeste do município.<sup>6</sup>

Chegam também neste período os imigrantes alemães “em que pese ser Forquilha considerado o núcleo que deu origem à colonização alemã do município”<sup>7</sup>. Os descendentes destas famílias eram neste momento pessoas de destaque em Criciúma. As três etnias tidas como fundadoras aparecem nas discussões sobre a cidade, marcando sua presença ao nomear bairros, ruas e praças com os nomes destas famílias. No entanto, nas comemorações do Centenário outros dois grupos étnicos são incluídos e tidos como fundadores da cidade: os portugueses e os negros.

A etnia portuguesa e a etnia negra não apareciam como fundadoras da cidade na história oficial. Muitos cricumenses não se identificavam como descendentes dos grupos tidos como fundadores, assim a entrada de mais dois grupos étnicos demonstra a política inclusiva que regia as comemorações do Centenário. A etnia portuguesa teria como objetivo representar uma parte da população que se poderia chamar de “brasileira” – maioria da população da cidade – e que não poderia ficar de fora do esquema identitário que então se elaborava.

A dificuldade com o grupo étnico português pode ser percebida nos relatórios das entrevistas que posteriormente serviram de base ao livro que Otilia Arns organizou, considerado como a obra oficial do Centenário (ARNS, 1985). As entrevistas mostram que a etnia portuguesa quase não dispunha de descendentes que se reconhecessem como tal<sup>8</sup>. Neste caso, durante as pesquisas, as pessoas consideradas portuguesas,

---

<sup>5</sup> Síntese histórica. Arquivo Histórico de Criciúma. 17 out. 1979, caixa 34.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> Entrevistas Descendentes da Etnia Portuguesa. Arquivo Histórico de Criciúma, caixa 59.

geralmente ao responder sobre seus ancestrais, simplesmente se diziam brasileiros, não havia qualquer identificação com os costumes portugueses. Isso também pode ser evidenciado no livro (idem), pois poucos portugueses são citados tendo grande ênfase uma única pessoa, Dona Micas, como típica representante da etnia.

A presença do grupo étnico negro também se deu através do convite dos organizadores do Centenário. Estes entraram em contato com algumas pessoas e iniciaram reuniões com o objetivo de pensar que características desse grupo poderiam ser valorizadas por eles, sendo que essas reuniões foram iniciadas com a participação de três mulheres representando o grupo<sup>9</sup>. Os negros estavam presentes na cidade neste período, e muitos se reuniam em clubes e associações, porém não haviam se colocado como grupo étnico na cidade. Foi a partir desse convite, que as características e contribuições do grupo para o crescimento da cidade começaram a ser pensadas, como pode ser evidenciado neste texto, escrito por membros do grupo étnico negro:

Foi nos idos de 1912, 1913, que para cá vieram as primeiras famílias negras. Aqui chegaram com o coração cheio de esperança e com muita disposição para o trabalho. Fortes e sadios foram logo aceitos pelos colonos e faziam serviços pesados. Foi um começo duro, uma caminhada íngreme, mas os negros não desistiram. Esses negros contribuíram com seu braço forte sua energia vigorosa, de maneira bastante significativa para o progresso de Criciúma. Rasgaram a Estrada de Ferro, nesta região trabalhando no vigor dos ventos, no impiedoso inverno, na inclemência do sol, misturando a terra seu suor e lágrimas e a Estrada de Ferro que era sonho de todos que aqui moravam tornou-se realidade. Presentes também se fizeram os negros na abertura das minas. Sujeitaram a terra e dela arrancaram o carvão esse ouro negro tão responsável pelo progresso de Criciúma de SCat [Santa Catarina] e do Brasil. Na ânsia de extrair do solo o carvão alguns pagaram com a vida.<sup>10</sup>

Com essas colocações, o grupo étnico negro afirma sua característica de trabalhador e deixa clara a sua contribuição para Criciúma. Esta contribuição é vinculada à mão-de-obra que é utilizada na construção da estrada de ferro. Seu papel também fica vinculado ao trabalho nas minas de carvão. A própria festa cuja etnia negra ficou responsável acaba atrelando a imagem do grupo à atividade carbonífera, já que a festividade era a Festa de Santa Bárbara, também chamada nesse período de Festa do Carvão, sendo Santa Bárbara considerada padroeira dos mineiros. A atividade carbonífera recebe ênfase através da festa mesmo não sendo o foco do Centenário.

---

<sup>9</sup> Maria Marlene Milanez Just, entrevista concedida no dia 23 de Mar. 2007. A entrevistada relata ter sido ela mesma a fazer o convite a pessoas para representarem a etnia negra.

<sup>10</sup> Etnia negra. Arquivo Histórico de Criciúma, caixa 72.

## SANTA CATARINA E A QUESTÃO IDENTITÁRIA

A temática das identidades também esteve presente no âmbito estadual, passando por transformações no mesmo período. Vários interesses modificaram a imagem que o Estado tinha e obviamente estas atribuições identitárias tiveram reflexos em seus municípios.

O primeiro processo de construção da identidade catarinense teve como momento mais importante o Primeiro Congresso de História Catarinense, em 1948, quando “o Congresso comemorativo do segundo centenário da colonização açoriana teve por objetivo ‘resgatar o importantíssimo papel do açoriano na colonização de Santa Catarina’” (FLORES, 1997). Neste período era importante ressaltar a brasilidade do Estado recorrendo assim aos açorianos do litoral e instituindo-os como povo formador. Esta construção também tentou reverter uma imagem negativa que se fazia do açoriano, a de que era pouco dado ao trabalho, dessa maneira, iniciando-se um processo para reverter essa imagem, legitimando o pouco sucesso econômico pelas condições naturais do litoral e também estimulando uma valorização da cultura que esse havia deixado.

Com o passar dos anos, essa identidade forjada a partir do elemento açoriano começou a ser modificada, já que a mesma não correspondia mais aos interesses de alguns grupos. O primeiro Governo Amin formulou um projeto identitário denominado Projeto de Identidade Catarinense centrado no jagunço morador do oeste, recordando assim a Guerra do Contestado e a coragem dos moradores daquela região. Contudo, esta representação do Estado não teve muita adesão, sendo necessária a criação de uma outra identidade. Esta oportunidade ocorreu com as enchentes em Blumenau nos anos de 1983 e 1984,

O jagunço, tão enaltecido através do Projeto de Identidade Catarinense, de repente é esquecido. Em seu lugar, se enaltece o descendente de alemães do Vale do Itajaí. O fato desta região ter sido a mais atingida pelas enchentes e de abrigar importante parque industrial do estado, teve influência significativa nesta inversão de valores na representação do estado. (FROTSCHER, 1998, p.33)

Por conta das enchentes, Santa Catarina teve destaque nacional, quando, juntamente com a catástrofe, também era noticiado o poder de reconstrução do povo. A imagem que se queria transmitir era a de esforço e trabalho, sendo que as enchentes não iriam desestimular o povo catarinense. Este trabalho tão enaltecido era uma característica que ficou atrelada à questão étnica, no caso, no grupo étnico alemão.

O trabalho passa a ser o elemento fundamental na campanha de reconstrução. A representação feita do blumenauense como ‘laborioso, solidário’, transpõe o universo cidadão para aqui também representar o catarinense em geral. (FROTSCHER, 1998, p.33)

Assim, a questão étnica passa a ser valorizada no Estado, exaltando o europeu, mais especificamente o alemão, numa campanha identitária que levaria o Estado a ser reconhecido como um pedacinho da Europa no Sul do País.

## **CRIANDO AS DIFERENÇAS: A CONSOLIDAÇÃO DOS DIFERENCIAIS ÉTNICOS**

Ao se analisar o processo em que os grupos étnicos começaram a consolidar suas características particulares em Criciúma, quando estes se utilizaram de pesquisas e fizeram reuniões para estabelecer características, percebemos que os grupos tiveram que trabalhar com a idéia de cultura existente dentro do grupo (que no caso do grupo étnico português e negro nem sequer se tinha a idéia de grupo), assim como a idéia de cultura que esses grupos recebiam de membros de fora, pertencente a outros grupos.

De fato, definições exógenas e endógenas não podem ser analiticamente separadas porque estão em uma relação de oposição dialética. Elas raramente são congruentes mas necessariamente ligadas entre si, um grupo não pode ignorar o modo pelo qual os não-membros o categorizam e, na maioria dos casos, o modo como ele próprio se define só tem sentido em referência com essa exo-definição. (POUTIGNAT; FENART, 1998, p.143)

Dessa maneira, para que os grupos étnicos pudessem aparecer e mostrar suas contribuições para toda cidade, estes deveriam estabelecer suas principais características étnicas e fazer um processo de diferenciação dos outros grupos. Essas características identitárias foram consolidadas a partir de entrevistas realizadas com os representantes mais velhos de cada grupo étnico, que deveriam responder a um questionário padrão, objetivando levantar dados referentes aos costumes no período da fundação da cidade referente ao grupo étnico que pertencia. As perguntas tinham de maneira geral este direcionamento: as roupas que usavam os fundadores; os hábitos alimentares e as comidas típicas; os perigos que os colonizadores tiveram que passar para construir a cidade; quais idiomas falavam; como era o clima e as catástrofes naturais; a religião que praticavam e a maneira como a praticavam; e também sobre a preocupação com os estudos. Centrados nestas discussões os grupos étnicos puderam “resgatar” suas características primordiais e transmiti-las aos outros grupos e também aos seus descendentes. Outro fator diferenciador pesquisado foi as danças típicas que seriam um elemento que iria caracterizar cada grupo pela maneira de dançar, assim como as roupas eram evidenciadas no momento das apresentações artísticas juntamente com as cores.

Assim, os anos que antecederam as Comemorações do Centenário de Criciúma foram de pesquisas para os grupos, promovidas pelo poder público municipal, pois estes de maneira geral não tinham realmente uma unidade, muitos não se reconheciam

como pertencentes a um grupo étnico, do mesmo modo como também não notavam a pertença de outros indivíduos de outros grupos. Após a consolidação dos grupos com suas características identitárias bem marcadas, estes puderam apresentar para toda a cidade as diferenças culturais que Criciúma apresentava.

Cada grupo, ao afirmar suas características étnicas, fez com que seu espaço fosse demarcado, ou seja, as características diferenciadoras podiam ser vistas como fronteiras étnicas demarcadas com diferentes elementos. Estas fronteiras são importantes para a manutenção dos grupos étnicos. Contudo, estas fronteiras não são fixas, pelo contrário são fluidas, estão sempre em movimento. Este fato permite que não seja impossível sua transposição, alguns indivíduos conseguem assimilar as características de um determinado grupo e de certa maneira ultrapassam a fronteira dos grupos. Isso quer dizer que esses grupos étnicos não mantêm algumas de suas características imutáveis. “No decorrer do tempo as fronteiras étnicas podem manter-se, reforçar-se, apagar-se ou desaparecer. Elas podem tornar-se mais flexíveis ou mais rígidas” (POUTIGNAT; FENART, 1998, p.154). No entanto, estas barreiras só podem ser formadas a partir do conhecimento dos outros grupos. Este processo que estamos descrevendo, de definição de grupos étnicos na cidade, demonstra que o ambiente para um grupo étnico manter seus traços culturais não é o isolamento, mas o contato com outros grupos, rompendo com “a visão simplista de que o isolamento geográfico e social tenham sido os fatores críticos para a sustentação da diversidade cultural” (POUTIGNAT; FENART, 1998, p.188). Essa descrição sustenta-se a partir da contribuição de Fredrik Barth, (idem) que afirma que os grupos só se auto-afirmavam a partir do conhecimento de outros grupos, sendo que a consolidação da identidade étnica ocorre com o conhecimento das diferenças (idem, p.196).

Os referenciais étnicos resultantes das pesquisas realizadas em torno das cinco etnias apareceram de maneira nítida nas festividades, afinal a garantia de sucesso das festas estava na diferença. Estas festividades ocorreram no decorrer do ano comemorativo do Centenário, de 1980 a 1981. Foi um ano festivo em que cada grupo étnico ficou responsável por uma determinada festa. Nestas festas, as comidas típicas, as músicas típicas, as cores de cada grupo ficavam evidenciadas, assim como os hábitos, os jogos e a religiosidade. Ao analisarmos estas festividades podemos perceber que a cidade de Criciúma teve seu espaço físico dividido, tendo em algumas regiões a predominância de determinada característica étnica. Dessa maneira, o então distrito de Forquilha era atribuído ao grupo étnico alemão responsável pela Festa do Colono; a localidade de Linha Batista era atribuída aos poloneses com a Festa de São Cassimiro; a região mais central da cidade aos italianos com a Festa de São José; a localidade de Rio Maina caracterizada como portuguesa ficou com a festa de Santo Agostinho; e o grupo étnico negro também ficou centrado na região do Rio Maina e no Bairro Operária responsável pela Festa de Santa Bárbara. Ao reforçar a segmentação geográfica da cidade pelos grupos étnicos pode-se pensar que, dessa maneira, os promotores da festa passavam a idéia de isolamento dos grupos étnicos, fundamental para a formação dos grupos na concepção desses promotores. Assim sendo, o isolamento teria proporcionado também que suas características fossem mantidas no decorrer dos

anos, pois nestes núcleos era permitida a conversação no idioma dos fundadores, assim como a prática da religiosidade com características e linguagens étnicas. Também podemos analisar que esta segmentação estabelece uma geografia do poder entre os grupos étnicos, afirmando sua posição na cidade, com os italianos no centro e portugueses e negros mais na periferia.

Apesar de estes fatores espaciais indicarem uma segregação e também uma demarcação de territórios estabelecendo certa hierarquia, como no caso das famílias do centro, a política que predominava nas comemorações do Centenário buscava ser inclusiva. Fazia-se crer que o fato desses grupos terem estado isolados pudesse estimulá-los a um contato entre eles objetivando aumentar o conhecimento e o respeito entre estes grupos. Assim, a característica inclusiva e eleitoral ganha novos aspectos: a integração cultural. Essa integração estava presente no discurso do poder público que em todos os momentos e eventos ressaltava a importância de todos os criciúenses. A palavra “todos” estava muito presente, como no caso dos materiais de propaganda em que podiam ser lidos o *slogan* “A festa é de todos”, ou, como no caso do folder comemorativo da Independência do Brasil, “A Independência somos todos nós”<sup>11</sup>.

No entanto, ao analisarmos esta postura no Centenário, de que os grupos étnicos deveriam se aproximar, conviver e se conhecer, baseando-se na idéia de que essa interação não existia, e que um dos fatores para que isso acontecesse fora o isolamento geográfico desses grupos étnicos, e que por conseqüência desse isolamento os grupos teriam mantido os seus costumes, percebemos que estes fatores ligados ao isolamento não existiram. Os grupos não ficaram isolados como dizia o discurso do centenário, pois os grupos não mantiveram suas características identitárias, fato evidenciado nas pesquisas que tiveram que realizar. Muitos não confirmavam ser pertencentes à determinada etnia, porque nem sequer tinham noção do significado desta palavra.

## **EVIDÊNCIAS PARA A POSTERIDADE: OS MARCOS QUE FICARAM NA CIDADE**

Assim como os grupos étnicos tiveram que consolidar diferenciais identitários, a nova identidade criciúense também deveria deixar marcos que ficariam na cidade posteriormente as comemorações do Centenário. Esses marcos estariam presentes na cidade com o objetivo de estar sempre reforçando uma idéia, no caso, seriam representações materiais da identidade criciúense baseada na etnicidade. Dessa maneira, podemos analisar algumas propostas que foram realizadas neste período. Para uma primeira análise podemos pensar a EXPO 100, ela foi uma exposição realizada ainda durante as festividades de comemoração, que visava a demonstrar o potencial econômico da cidade, assim como sua diversificação para todo o estado catarinense.

---

<sup>11</sup> A Independência somos todos nós, comemore a semana da pátria. 07 set. 1980. Arquivo Histórico de Criciúma, caixa 76.

Outro elemento importante na fixação da nova identidade urbana da cidade foi o concurso para a escolha de um hino do Centenário. Neste hino, deveria ficar expresso para as pessoas que vivenciaram este período, e também para as futuras gerações, o que o Centenário significou para Criciúma. Um outro marco importante estabelecido no Centenário foi a inauguração de um museu para a cidade. Um museu em que estaria exposto um pouco dos objetos e das características dos imigrantes, em que todas as etnias poderiam ter objetos para identificá-las na cidade. E para finalizar podemos analisar também o monumento do Centenário, que foi a representação maior para a cidade, pois ele seria um dos cartões postais de Criciúma e deveria representar a nova identidade da urbe.

A EXPO 100 foi uma exposição que contou com a participação de várias áreas do comércio e indústria cricumense. Seu objetivo era mostrar a todo o Estado e também ao país, o potencial da cidade, assim como estabelecer contatos comerciais com outros municípios da região. Como nos coloca Sandra Pesavento com relação às exposições universais, “não há como negar sua dimensão propriamente econômica, de feira de mercadorias, mostruário de novos produtos, meca de lucrativos negócios.” (PESAVENTO, 1997, p.43). Ao expor o potencial econômico da cidade, se desvinculava o carvão como atividade central diversificando a economia cricumense. A exposição ocorreu de 04 a 12 de Outubro de 1980, e prometia ser um dos grandes acontecimentos das comemorações. Nos dias que antecederam a abertura da exposição, o então vice-prefeito Mário Sônego foi entrevistado e discorreu sobre o sucesso que seria a EXPO 100 já que até aquele momento vários *stands* já haviam sido vendidos e outros já estavam reservados. O vice-prefeito também expôs a importância que a exposição estava dando para a cultura, com apresentações artísticas principalmente dos grupos étnicos, assim como os restaurantes típicos<sup>12</sup>. O governador do estado Jorge Bornhausen abriu a EXPO 100 e em seu discurso “realçou o dinamismo do empresariado cricumense que tanto honrou, e honra, o espírito pioneiro voltado para o progresso do Município” (ARNS, 1985, p.233). A exposição reforçava o ideal de trabalho e progresso na cidade vinculando, dessa maneira, o trabalho dos pioneiros, dos grupos de imigrantes, ao sucesso econômico que a cidade vivia, ideal transmitido pelo Centenário.

Também foi realizado no período que antecedia o ano das Comemorações um concurso para a escolha de um hino para o Centenário de Criciúma. Este hino deveria retratar a idéia da nova identidade urbana, ou seja, deveria ser centrado na afirmação das cinco etnias. Várias pessoas mandaram sugestões, contudo, a primeira etapa do concurso resultou que “por unanimidade o júri concluiu que os trabalhos não ofereciam os requisitos exigidos no edital, tais como: originalidade, estilo e beleza poética, adequação ao ritmo melódico (métrica e rima), enlaçados aos temas históricos da cidade<sup>13</sup>. Dessa maneira, o concurso foi relançado. Se fizermos uma análise dos hinos que não foram escolhidos podemos perceber que com frequência estes tratavam do

---

<sup>12</sup> A EXPO 100 alcança ampla repercussão. *Tribuna Criciumense*. Criciúma, 13 de set. 1980, p.11.

<sup>13</sup> Documento Hino do Centenário. Arquivo histórico de Criciúma, caixa 36.

tema carvão, ou até mesmo do azulejo, aparecendo expressões como “ouro negro do solo cavado” ou “capital do azulejo e do carvão”. Geralmente o carvão e a ênfase ao trabalho também eram temas correntes, como no lema “A capital do trabalho e do amor”. Isso demonstra que os autores tiveram contato com o livro *Criciúma\_ Amor e Trabalho*, promovido pela gestão de Algemiro Manique Barreto, sendo que o livro, neste período, era uma das poucas publicações sobre a história de Criciúma (CRICIÚMA, 1977). Nestes hinos também havia referências aos imigrantes, com grande frequência alusões aos imigrantes italianos, como na frase “teu acalanto foi o sonho louro da raça da Velha Itália”. Como estes hinos não estavam adequados a nova identidade urbana, o concurso foi reaberto e teve como hino vencedor, por unanimidade, a letra do padre Cornélio Dall Alba<sup>14</sup>. Analisando o hino vencedor percebemos que sua letra se adequou a proposta do Centenário, em que poderia o carvão ser citado mas não deveria ser centrado nele, e as alusões a etnicidade deveriam abranger não uma única etnia, mas sim as cinco, como neste trecho “do trabalho de um povo arrojado; o italiano, alemão, polonês, africano e o luso irmanados; entoaram a música rude dos engenhos das minas e arados.” Assim, o carvão só é citado sutilmente e a identidade étnica é o cerne do hino, assim como foi de todo o Centenário.

Outro marco importante desse período, que permanece na cidade até os dias atuais, é o Museu da Colonização Augusto Casagrande. Um museu geralmente é um dos lugares mais visitados por turistas, como por estudantes e moradores. Um local em que se associa ser um lugar no qual um pouco da história da cidade em questão está guardada. Assim, um museu nomeado como *da colonização*, que teria sido realizada por cinco etnias, estaria expressando essa nova identidade urbana de Criciúma e ajudando a fixar na mente de seus visitantes a idéia da cidade das etnias. Apesar de o museu ter sido um dos meios para a divulgação bem como o de reforçar a idéia da identidade étnica na cidade, a vontade de se fazer um museu em Criciúma já havia sido levantada por algumas pessoas. Contudo, foi só com o incentivo do Centenário que o museu surgiu. Podemos perceber este processo de formação do museu nas palavras do professor Nivaldo Aníbal Goulart que foi uma das pessoas envolvidas na coleta dos objetos,

A gente chegou assim nas proximidades dos anos 80, do Centenário com um acervo bastante grande e daí a cidade se mobilizou pro Centenário e formou o Conselho Municipal de Cultura me chamaram para participar do Conselho Municipal de Cultura e daí o museu mais ou menos entrou na pauta<sup>15</sup>.

Como a idéia já vinha de alguns anos anteriores, a arrecadação de objetos já havia sido iniciada em meados de 1978/79, através de uma gincana do Colégio Madre

---

<sup>14</sup>Hino do Centenário já é conhecido. *Tribuna Criciumense*. 10 nov. 1979, p.11.

<sup>15</sup>Nivaldo Aníbal Goulart, entrevista concedida em 21 de Dez. 2006. O entrevistado era professor da FUCRI no período e já trabalhava com a arrecadação de objetos para o museu quando foi convidado para participar do Conselho Municipal de Cultura do Centenário.

Teresa Michel, sendo que os objetos recolhidos na gincana juntamente com algumas doações eram levados a FUCRI – Fundação Universitária de Criciúma.

Assim, para que a idéia do museu se tornasse uma realidade, foi criada uma Comissão específica dentro da Comissão Central dos Festejos. Como já haviam sido coletados vários materiais, começaram as negociações para o local do museu. A família Casagrande, representada por Joacy Casagrande Paulo, doou uma casa, que foi uma das primeiras construções de alvenaria cidade, para que fosse instalado o museu, impondo uma condição: “a família dá esse casarão aqui com terreno anexo só que tem que botar o nome do meu avô, o Augusto Casagrande”<sup>16</sup>. Assim surgiu o Museu da Colonização Augusto Casagrande. Ao receber esta nomenclatura o museu acabava por privilegiar uma única etnia, no caso a italiana.

Outro marco importante utilizado nas Comemorações foi a construção do monumento às etnias que atualmente é um dos cartões postais de Criciúma. O monumento objetivava ser o memorial da cidade, lugar que homenagearia as cinco etnias fundadoras. A escolha do monumento foi realizada através de concurso que teve como vencedor o arquiteto Manuel Coelho que nesse período lecionava na Universidade Federal do Paraná. A obra realizada apresenta cinco colunas de tamanhos diferentes, dispostas de maneira hierárquica, ou seja, do maior para o menor. O monumento proporciona margem a diversas interpretações. Uma delas é a de que as colunas representariam as cinco etnias, a maior, portanto a mais valorizada, seria a etnia italiana, seguida da alemã, a polonesa, a portuguesa e a menor, a negra. No entanto, a versão oficial apresentada no período do Centenário é a de ser uma mão que sai da terra e ganha espaço. Podemos ver este discurso no jornal da época, que tenta interpretar o monumento “em meio da adversidade e desesperança, essa semente [que seria a obra dos fundadores] fundou raízes profundas e ergueu uma cidade sobre o nada, arrancando da terra um testemunho de luta, de perseverança e de grandeza”<sup>17</sup>. O fato de relacionar a terra ao progresso também demonstra sutilmente a presença do carvão, a idéia de que o progresso econômico teve início no solo, contudo, em nenhum momento, o carvão é citado no monumento, nem nas justificativas apresentadas para os criciumenses, nem no discurso do prefeito na inauguração. Já a terra é valorizada em vários momentos: “do fundo da terra brotou um novo tempo. Do fundo da terra, somando e integrando seu trabalho, cinco etnias extraíram a energia que as impulsionou para frente e para cima, etapa após etapa”. Assim, a justificativa do memorial foi apresentada e o mesmo foi construído numa praça especial situada no Paço Municipal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de Criciúma até o momento de seu Centenário tinha sua imagem urbana centrada na atividade carbonífera. No entanto, o imaginário do carvão já não satisfazia

---

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> Monumento da Colonização. *Tribuna Criciumense*. 06 set. 1980, p.05.

mais alguns grupos na cidade. A economia baseada no carvão acarretou momentos de crises e também de apogeu em Criciúma, por sua instabilidade surge a necessidade de se modificar sua identidade. Fica claro que a valorização das etnias não foi inventada nesse período; na realidade, apesar de não ser uma questão que envolvesse a maioria dos moradores da cidade, ela era falada e vivida por algumas minorias. Esse foi um dos motivos dessa identidade ter sido trabalhada e aceita por grande parte da população.

As mudanças identitárias ocorrem em vários âmbitos, tanto na vida dos sujeitos, quanto nas nações, por exemplo. Muitas identidades surgem por interesses de afirmação de diversos grupos sociais. A própria identidade urbana está sujeita a modificações, dependendo dos benefícios que as identidades trazem e quem são os beneficiados, ou também, quem é excluído, tudo isso implica novas posturas ao se analisar o contexto da cidade.

Basear na etnicidade a identidade de uma cidade que já era reconhecida nacionalmente pela atividade carbonífera foi uma grande mudança, muito bem articulada, pois podemos pensar que as etnias escolhidas para fazer parte das comemorações não eram as únicas da cidade, e também não foram escolhidas de maneira aleatória. A própria história da cidade começa a ser contada a partir da chegada dos colonizadores excluindo a história que a região tinha anteriormente com as comunidades indígenas.

Abranger diversos grupos étnicos objetivava a inclusão, pois dessa maneira, muitas pessoas poderiam ter o sentimento de pertença na formação da cidade, já que antes não podiam se sentir assim porque não apareciam na história oficial da urbe. Essa idéia de fazer com que todos se sintam importantes e agentes responsáveis pelo progresso de uma cidade mostra o exercício da política nas comemorações do Centenário.

Os marcos deixados pelo Centenário ainda aparecem na cidade fazendo sua afirmação identitária. Criciúma atualmente realiza todos os anos a “Festa das Etnias – Querresse de Tradição e Cultura”. Isso evidencia que a identidade que ganhou ênfase no Centenário ainda permanece na cidade; a identidade urbana de Criciúma realmente se solidificou e a antiga “Capital Brasileira do Carvão” se tornou a “Cidade das Etnias”.

## REFERÊNCIAS

- ARNS, Otilia. *Criciúma 1880 – 1980 – A semente deu bons frutos*. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1985. 260p.
- BARTH, Fredrik. Os Grupos Étnicos e Suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 110p.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 311p.
- CRICIÚMA. *Criciúma – Amor e Trabalho*. Criciúma: Prefeitura Municipal, 1977.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- FLORES, Maria Bernadete Ramos. A autoridade do passado. In: *A farra do boi: palavras, sentidos ficções*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

FROTSCHER, Méri. *Etnicidade e trabalho alemão: outros usos e outros produtos do labor humano*. Dissertação – UFSC, Florianópolis, 1998.

PESAVENTO, Sandra. *Exposições universais – Espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: HUCITEC, 1997. 231p.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. 250 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. 133p.

## **FONTES**

### **1 Arquivo Histórico de Criciúma**

#### ***1.1 Jornais***

A EXPO 100 alcança ampla repercussão. *Tribuna Criciumense*. 13 set. 1980. p.11.

HINO do Centenário já é conhecido. *Tribuna Criciumense*. 10 nov. 1979, p.11.

Monumento da Colonização. *Tribuna Criciumense*. 06 set. 1980. p.5.

PIMENTEL, José. Monumento ao Imigrante. *Tribuna Criciumense*, 01 ago. 1955, p.1-4.

#### ***1.2 Documentos***

A INDEPENDÊNCIA somos todos nós, comemore a semana da pátria. 07 de Set. 1980, caixa 76.

DOCUMENTO Hino do Centenário Arquivo Histórico de Criciúma, caixa 36.

Entrevistas Descendentes da Etnia Portuguesa. Arquivo Histórico de Criciúma, caixa 59.

ETNIA negra. Arquivo Histórico de Criciúma, caixa 72.

FOLDER da prefeitura onde a gestão faz uma avaliação sobre a cidade e as melhorias que a prefeitura teria realizado. Administração Altair Guidi. S/d, caixa 76.

SÍNTESE histórica. Arquivo Histórico de Criciúma. 17 de Out. 1979, caixa 34.

### **2 Orais**

NIVALDO Aníbal Goulart, entrevista concedida em 21 dez. 2006.

MARIA Marlene Milanez Just, entrevista concedida no dia 23 mar. 2007.